

Caminhos e enfrentamentos de uma antropóloga urbana

Elisabeth Murilho da Silva*

José Paulo Florenzano**

Resumo

O texto tem por objetivo homenagear a antropóloga Márcia Regina da Costa, destacando três aspectos interligados de sua carreira acadêmica, quais sejam: 1) o da professora em sala de aula; 2) o da coordenadora do Núcleo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana; 3) o da intelectual cuja trajetória o texto resgata, indicando as contribuições teóricas para a antropologia urbana. Por fim, o texto apresenta uma síntese bibliográfica contendo algumas das principais publicações da autora.

Abstract

This paper seeks to honor the anthropologist Márcia Regina da Costa, stressing three interconnected aspects of her academic career which were: 1) as a professor inside the classroom; 2) as a coordinator of the Daily Studies and Urban Culture Core Group; 3) as an intellectual whose path this text brings out, indicating the theoretical contributions for urban anthropology. At last, this text presents a bibliography summary including some of the main work of the author.

Foram muitos anos de convivência, de estreita colaboração, de mútuo aprendizado, sentimentos partilhados ao longo do caminho trilhado na academia, significados construídos em conjunto no decorrer das nossas pesquisas, recortadas a partir da cartografia da modernidade esboçada pela obra de Márcia Regina, cujas coordenadas teóricas ainda agora nos servem de referência e inspiração. Com efeito, queremos aproveitar esta oportunidade para recordá-la sob três aspectos interligados.

Em primeiro lugar, desejamos lembrá-la como a destemida professora que nos colocava diante das questões mais cruciais da sociedade global, debatendo-as com paixão e acuidade, explorando-as

* Professora do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

** Professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

sob os mais diversos pontos de vista, assinalando as múltiplas direções abertas pelas indagações formuladas. Ninguém passava incólume pelo curso. De uma forma ou de outra, todos nos sentíamos tocados e instigados pela maestria com que Márcia Regina tecia a trama complexa da modernidade, da juventude e da violência –, entrelaçadas a partir de uma perspectiva antropológica inovadora e fascinante. As aulas ministradas na primeira metade dos anos 1990, nas Ciências Sociais, constituíram-se, assim, como o momento marcante do nosso encontro. Vê-la reconstituir o percurso que interligava os carecas do subúrbio, no Brasil, ao movimento dos *skinheads*, na Inglaterra, no âmbito da difusão global da cultura punk –, não apenas incandescia a nossa imaginação, como, sobretudo, fornecia o paradigma necessário para que cada um se lançasse por conta própria nos caminhos da modernidade, cruzando itinerários, estabelecendo correlações, apreendendo, em suma, a elucidar a interpenetração das práticas culturais. Ao mesmo tempo, o convívio iniciado no cotidiano desta relação da sala de aula logo se transmudava em amizade, favorecida pelo modo de ser de uma professora despojada, acessível, sempre aberta à troca de idéias, ao diálogo franco e à conversação fecunda que lhe permitia, de resto, diagnosticar com precisão a paixão que nos movia e convertê-la em objeto de estudo.

A segunda recordação, portanto, remete-nos à produção das nossas dissertações de mestrado e teses de doutorado, elaboradas sob a orientação da Márcia Regina. No exercício desta função, mais uma vez, ela demonstrava qualidades raras, revelava o amplo domínio que possuía sobre o território da pesquisa, a incrível capacidade de entrever os espaços ainda inexplorados e à espera do orientando. Além disso, sem submetê-lo a qualquer linha teórica previamente traçada, deixava-o à vontade para explorar o horizonte que ela mesma havia descortinado, para elaborar de modo autônomo o próprio plano de vôo, construir a própria grade de leitura; isto, porém, não a impedia de sugerir mudanças de rota, prover o trabalho com novos instrumentos de análise, quando julgava necessário, adequá-lo aos prazos e trâmites da

burocracia acadêmica e levá-lo, afinal, a aterrissar com segurança no momento derradeiro. Com efeito, graças a esta orientação segura e aberta os trabalhos começaram a adquirir forma e conteúdo: do fenômeno das torcidas organizadas, passando pela figura maldita do jogador-problema, incluindo o movimento hip-hop na periferia paulistana, ou, no outro extremo da escala social, a violência dos jovens da classe média e alta -; eles refletiam uma gama bastante ampla de temas e questões cuja unidade não residia em qualquer tipo de consenso doutrinário, mas, sim, na opção deliberada de percorrer o lado noturno e transgressor da modernidade, e, por esta via, desvelar sob um novo olhar a metrópole, a dinâmica cultural e os sujeitos coletivos. Desenvolvidas no âmbito do Núcleo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana, formado na segunda metade dos anos 1990, as dissertações de mestrado e teses de doutorado iam ao encontro da proposta do Núcleo, coordenado por Márcia Regina, de renovar os estudos dentro das Ciências Sociais, romper os preconceitos que pesavam sobre determinadas temáticas e inaugurar linhas de pesquisa hoje consolidadas na PUC de São Paulo. Além disso, cabe salientar o esforço empreendido pela antropóloga para ampliar a interlocução na academia, seja por meio da incorporação de novos referenciais teóricos, seja através do estabelecimento de pontes com diversas instituições de ensino, como, por exemplo, os trabalhos conjuntos realizados com o sociólogo José Machado Paes, membro do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; os seminários promovidos com o sociólogo Patrick Mignon, integrante do *Institut National du Sport et de l'Éducation Physique*, de Paris, ou, ainda, a pesquisa SIRS – *Santé, Inégalités e Ruptures Sociales*, coordenada, no Brasil, pela Profa. Dra. Maura Vêras e, na França, por Serge Paugam (*Centre National de Recherche Scientifique*). Sob a coordenação de Márcia Regina, o Núcleo de Estudos do Cotidiano e de Cultura Urbana teve uma atividade intensa e destacada nos últimos anos, refletida na organização dos seminários *Futebol: espetáculo do século*, em outubro de 1999; *Sociabilidade juvenil*

e cultura urbana, em abril de 2004; e *Diásporas, redes e guetos*, em setembro de 2006.

A terceira recordação, enfim, leva-nos ao reconhecimento do pensamento criativo e original de Márcia Regina, consubstanciado no conjunto de formulações teóricas com as quais desvendava os caminhos do nomadismo moderno, e se colocava no encalço de uma juventude transgressora e insubmissa, cujos passos ela seguia de perto e de dentro, sem, contudo, perder o distanciamento crítico necessário para interpretá-los. *Os Carecas do Subúrbio*, nesse sentido, constituem um marco nos estudos sobre juventude realizados no Brasil, referência obrigatória para todos os interessados na compreensão de um fenômeno multifacetado, contraditório e perturbador. De fato, condensando em uma narrativa ao mesmo tempo densa e magistral o mundo culturalmente complexo dos jovens operários da periferia, Márcia Regina delineava o curso de ação no qual a contestação política ao sistema social se mesclava, muitas vezes, com o exercício da intolerância em relação a qualquer forma de alteridade. Situada na contra-corrente dos estudos sobre juventude, notadamente os dedicados aos segmentos mais pobres e desprivilegiados, a obra adota uma perspectiva analítica cujo mérito reside em superar a visão unilateral pela qual as culturas jovens são comumente apreendidas, interpretando-as, conforme ela propunha, dentro da estrutura ambivalente que lhes marca a trajetória, dupla face voltada, uma, para a contestação política, a dissidência social e o exercício da violência; a outra, para a integração no sistema, o mercado de consumo e o conformismo generalizado.

O valor explicativo das análises empreendidas por Márcia Regina, por certo, mantém-se atual, dotado do poder de iluminar as pesquisas e reflexões que lhe seguem os passos a fim de elucidar as múltiplas manifestações das culturas juvenis no contexto da vertiginosa transformação do mundo. Embora a trajetória da antropóloga tenha sido interrompida de forma prematura, o brilho de sua obra não se apaga, ao contrário, continua vivo e intenso o bastante para nos levar a

percorrer os diversos caminhos do nomadismo moderno, a tê-la como companheira de viagem, a não esquecer, jamais, a maneira como ela nos incentivava a utilizar com autonomia as ferramentas teóricas da antropologia, a superar as dificuldades da pesquisa de campo, ou, por último, a enfrentar com coragem e dignidade o encontro com a morte. Também por isso, Márcia Regina permanece como uma referência.

Bibliografia

COSTA, M. R. da (2007). O futebol e a pesquisa dentro da universidade. In: BERNARDO, T.; RESENDE, P. E. A. (org.). *Ciências Sociais na atualidade. Realidades e Imaginários*. São Paulo: Paulus.

_____ (2006). “Culturas juvenis, globalização e localidades”. In: COSTA, M. R. da; SILVA, E. M. da (org.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ.

_____ (2004). “Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground evangélico”. In: PAES, J. M.; BLASS, L. M. da S. (org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume.

_____ (2004). Repensar a violência: resistir para não cair na conformidade. In: BERNARDO, T.; TÓTORA, S. (org.). *Ciências Sociais na atualidade. Brasil: resistência e invenção*. São Paulo: Paulus.

_____ (2000). *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo: Musa Editora.

_____ (org.) (1999). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora.

_____ (1996). “A violência urbana no Brasil ou, quando a serpente nasceu”. In: *Cultura Vozes*, nº 3, ano 90, vol. 90. São Paulo: pp 65-84.